

ENTRE O FEMINISMO E O MITOLÓGICO: A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM CONTOS DE MÁRCIA DENSER

BETWEEN FEMINISM AND THE MITOLOGY: THE FEMALE REPRESENTATION IN TALES BY MÁRCIA DENSER

Mirian Cardoso da Silva 1
Wilma dos Santos Coqueiro 2
Diego Luiz Miiller Fascina 3

Resumo: A coletânea de contos *Diana Caçadora* (1986), de Márcia Denser, coloca em cena uma personagem envolta em erotismo, desejo de entender a si mesma e imersa no universo urbano contemporâneo. Diana é uma figura feminina que se interessa em experimentar uma nova liberdade que começa a ser possível à mulher, enquanto lida com as angústias de viver em uma sociedade na qual permanece ainda resquícios do patriarcalismo. À luz de obras teóricas a respeito da representação arquetípica mitológica e da construção de identidades no contexto da pós-modernidade, este artigo tem por objetivo analisar como ocorre a subversão dos valores, a construção de identidade e a relação da protagonista com o mito greco-romano Diana/Ártemis, deusa da caça e da virgindade.

Palavras-chave: *Diana Caçadora*; Arquétipo greco-romano; Construção de Identidades; Crítica feminista.

Abstract: *Márcia Denser's collection of short stories Diana Caçadora (1986) presents a character surrounded by eroticism, a desire to understand herself and immerse herself in the contemporary urban universe. Diana is a female figure who is interested in experiencing a new freedom that is becoming possible to the woman, while dealing with the anguish of living in a society in which still remains of patriarchy. In the light of theoretical works about archetypal mythological representation and the construction of identities in the context of postmodernity, this article aims to analyze how the subversion of values occurs, the construction of identity and the relation of the protagonist to the Greco-Roman myth Diana / Artemis, goddess of hunting and virginity.*

Keywords: *Diana Caçadora*; Greco-Roman archetype; Construction of Identities; Feminist criticism.

Possui graduação em Letras - UNESPAR/Fecilcam. Fez 1
especialização em Estudos Literários na UNESPAR/Campus de Campo
Mourão; É mestre pela Universidade Estadual de Maringá - (UEM);
Doutoranda em Letras, área de concentração Estudos Literários - UEM.
Atualmente participa do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação,
Diversidade e Cultura - GEPEDIC (UNESPAR); Grupo de Estudos em
Literatura Brasileira Contemporânea (UNB) e Literatura de Autoria
Feminina Brasileira - LAFEB (UEM). E-mail: mikardosoo@gmail.com

Doutora em Letras, área de concentração Estudos Literários 2
(UEM). Docente do colegiado de Letras UNESPAR/Campus de Campo
Mourão. E-mail: wilmacoqueiro@gmail.com

Faz Pós-Doutorado em Ciências da Linguagem pela Unisul 3
(Universidade do Sul de Santa Catarina). Atualmente é professor do
Unicesumar - Centro Universitário de Maringá.
E-mail: diegomullerfascina@hotmail.com

Diana Marini: Uma mulher tipo Ártemis

A deusa romana Diana é conhecida como Ártemis na mitologia grega, filha de Zeus e Leto (Júpiter e Latona na mitologia romana), umas das três sacerdotisas principais do Olimpo, irmã gêmea de Apolo. É a deusa da caça e da lua, senhora da floresta e dos caçadores, portadora da luz. Ela decide afastar o amor e manter-se virgem e casta, obrigando as ninfas que a seguiam a adotar a mesma decisão. Sua aventura mais famosa narra a história do caçador Acteão, que a viu nua no banho e foi transformado em um cervo. Jean Shinoda Bolen, em sua obra *As Deusas e a Mulher* (1990), elenca características das personalidades das deusas da mitologia greco-romana em arquétipos femininos da nossa sociedade. Uma destas é Ártemis, descrita pela autora como arqueira de infalível pontaria, deusa da sabedoria e das habilidades manuais, também é patrona de Atenas.

Segundo Hacquard (1996, p. 47), Diana manifesta duas personalidades que a qualificam: sua simpatia, sendo que “dirigia o coro das Musas, proferia oráculos, dava bons conselhos, curava as doenças ou as feridas, protegia as águas termais e as viagens, em terra e no mar, e ainda velava pelos animais domésticos e pelos campos”. Ao mesmo tempo, por ser deusa da caça, era às vezes aterrorizante e cruel. A deusa também recebeu o codinome de Apolussa, a Destruidora, pois, como afirma Brandão (1986), se divertia causando epidemias ou provocando morte violenta caso fosse insultada pelos mortais, desferindo sua cólera sobre os caçadores, deuses e/ou seus filhos, como Oríon, filho do deus Poseidon, que tentou violentar Ártemis e acabou morto instantaneamente por uma picada de escorpião no calcanhar, enviado pela deusa.

Na mitologia, Zeus concedeu à filha alguns presentes, e Ártemis pediu um arco e flechas, uma túnica suficientemente curta para ter liberdade ao correr, uma quadrilha de cães de caça e ninfas para acompanhá-la: “seu pai lhe concedeu tudo isso, e mais o privilégio de fazer suas próprias escolhas.” (BOLEN, 1990, p. 49). Tendo essa liberdade é que Ártemis escolhe manter-se virgem; portanto, o “lado virgem dessa deusa não significa que ela seja reguladora da castidade – como a palavra da nossa sociedade implica. Ártemis era uma deusa que não tinha dono.” (BRANDÃO, 1999, p. 107).

Ártemis, como afirma Bolen (1990, p. 49), é a “personificação do espírito feminino independente”. O arquétipo representado por ela permite à mulher a liberdade de buscar seus objetivos sem preocupar-se com o outro. Por ter a característica da autoconfiança e do espírito independente, a deusa representa os ideais do movimento feminista, visto que é marca de Ártemis o “empreendimento e competência, independência dos homens e das opiniões masculinas, e preocupações pelos atormentados, pelas mulheres fracas e pelas jovens.” (BOLEN, 1990, p. 50).

Com efeito, o desejo feminista é parecido com o da deusa, “motivado por um desejo de evitar o mal às mulheres e crianças e de punir aqueles que praticam tais danos”. (BOLEN, 1990, p. 51). O que nos remete a Terceira onda feminista, em que há maior preocupação com o que é bom ou não à mulher e marcada por diversos questionamentos relacionados ao próprio movimento. Este olhar crítico das feministas possibilitou a redefinição de estratégias que apresentaram falhas nos momentos anteriores e o desenvolvimento de novas ideias.

A mulher tipo Ártemis, portanto, valoriza sua independência e liberdade, e o casamento não é seu objetivo imediato, porquanto se preocupa mais consigo mesma, com seu trabalho e desejos. Além disso, “viver mais sossegadamente não proporciona nenhuma grande atração para a Ártemis que vai dum lado para outro”. (BOLEN, 1990, p. 58). A autora também salienta que, se quiser, esta mulher provavelmente tenha se aventurado com um número incerto de homens, sem a intenção de se prender a um, ou “pode até mesmo ter preferido viver com um homem do que ter se casado com ele. Pode ainda permanecer solteira. [...] Uma mulher tipo Ártemis, quando adulta, adquiriu experiência sexual como parte de sua tendência de explorar e tentar novas aventuras.” (p. 58).

Paris (1994) afirma que a luta feminista da década de 70 foi capaz de reacender o mito da mulher Amazona, causando um tumulto necessário na sociedade. Mulheres Amazonas, libertas, que exigiam seu direito de existir, de ir e vir, sem se sujeitar ao homem, iam às ruas reivindicar sua liberdade. Em meio a isso, “O mundo da ficção também retoma esse mito popular, propondo Mulheres-Maravilha¹ de todos os tipos, cujas façanhas agradam as jovens e despertam atração

1 Paris utiliza-se do termo “Mulheres-maravilha” para a representação em nível ficcional de mulheres fortes, isto é, no sentido de estarem conscientes de sua situação na sociedade e lutarem em prol de desmistificar esse contexto.

nos meninos.” (PARIS, 1994, p.120). De acordo com a autora, esse amazonismo, que compreende autonomia e liberdade de escolha e ação, é importante para a formação identitária das jovens meninas, para a geração que procede ir se desfazendo das raízes opressoras e se constituindo mulheres conscientes de si enquanto sujeito, e desmistificando os preconceitos que há na consciência masculina. Ártemis e sua força física, seu arco e flecha, sua relação com os animais, são associados às características dessa mulher Amazona.

Dessa maneira, o presente artigo tem como objetivo analisar a relação de Diana Marini, de Marcia Denser², com Diana deusa mitológica, nos contos “Welcome to Diana”, retirado da coletânea de 1986, *Diana Caçadora*, e “O quinto elemento”, da coletânea *Tarja Preta (2005)*, organizada por Luiz Ruffato. Porquanto a autora, ao atribuir o nome e as características da deusa greco-romana à sua protagonista, traz uma carga significativa para a construção dessa mulher que confronta a noção patriarcalista de ser. Construindo uma narrativa que busca afastar-se dos discursos falocêntricos e reconstruir as identidades, permitindo transgressões sexuais que desmitificam todo um conceito de feminino. Além de mostrar que a mulher possui interesses sexuais que precisavam ser abafados nos âmbitos sociais devido aos códigos patriarcais, e mais, que essas questões transbordam pelas beiras da construção da(s) sua(s) identidade(s), imersa(s) nessa conflituosa relação entre o desejo de se emancipar e a carga opressiva dos padrões sociais vigentes.

Uma frágil fachada de papelão

Em 1986, Denser publicou a coletânea de contos *Diana Caçadora*, em que aborda o erotismo feminino sem recair na pornografia. Embora os termos sejam complexos, e o ato sexual seja explícito na pornografia, também o pode ser no erotismo; contudo, geralmente apresenta-se através de um elaborado trabalho artístico. Nos contos da coletânea, há estrangeirismos, neologismo e diálogos entre o popular e o erudito, sendo citados autores como Hemingway, Cortázar, Noel Rosa, Gil, Caetano, Roberto Carlos, entre outros. Os contos de Denser, portanto, são manifestações da experiência pessoal de uma personagem e, devido a essas e outras características, há alguns pontos que aproximam a personagem Diana da própria autora, que, segundo Lejeune (1971), remete a uma quase autobiografia.

Nos contos são narradas, em primeira pessoa, às aventuras de Diana Marini, uma mulher branca, bem sucedida financeira e intelectualmente, que é escritora, jornalista e trabalha, também, como redatora em uma agência de publicidade. Relatam, assim, ações dessa mulher que busca liberdade e se encontra imersa em si e em seus desejos, abordando a transgressão aos valores patriarcais que perduraram durante séculos, e que ainda ecoam na sociedade atual.

Diana Marini caracteriza-se como uma caçadora em dois níveis: ela caça homens que a satisfaçam, mas suas presas não permanecem no nível sexual apenas, pois aventura-se cada vez mais como caçadora na tentativa de desmistificar a condição feminina na sociedade; e, por fim, caça a si mesma, busca construir-se, entender-se enquanto indivíduo. Dito isso, e ainda que a obra de Denser tenha sido escrita na década de oitenta, o tema se faz atual para a realidade da mulher do século XXI, como será visto no decorrer da análise.

Embora o sexo esteja presente, apresentando o erotismo, os contos de Denser não são pornográficos ou obscenos, pois se utiliza daquele como ato de transgredir. Em sua obra *O Erotismo (1987)*, Georges Bataille elabora uma discussão em três perspectivas sobre essa questão: o erotismo dos corpos, o erotismo do coração e o erotismo do sagrado, e em todos os três “o desejo do erotismo é o desejo que triunfa do interdito”. (BATAILLE, 1987, p. 165). Ou seja, o proibido, o que é cerceado pelos tabus e regras sociais, como o sexo e o erotismo, que ainda continuam temas associados a proibições e transgressões das regras que regem o bom funcionamento do convívio social, são objetos de desejo do ser humano.

O termo apresenta “tanto o mito de Ártemis quanto das Amazonas”, ambos “convergem para os mesmos temas: autonomia a qualquer preço, sacrifício, intransigência e rejeição do vínculo sexual” (p. 121). Desta forma, trata-se de mulheres independentes do homem, em busca de si própria, de uma liberdade real.

² Márcia Denser, escritora brasileira nascida em São Paulo em 1954, é contista, romancista e jornalista. Publicou seu primeiro livro, *Tango Fantasma (1977)*, aos 23 anos de idade; alguns anos mais tarde, *O Animal dos Motéis (1981)*, *Exercícios para o pecado (1984)*, *Toda Prosa (2002)*, *Caim (2006)* e *DesEstórias – Artigos e Crônicas (2016)*, além de ter contos traduzidos para o alemão, holandês e inglês.

Embora, na atual sociedade, o erotismo ainda esteja cercado de moralidades sociais e religiosas, com as multirrelações que marcam a contemporaneidade, a fragmentariedade e a fluidez dos relacionamentos, entre tantas outras características, o tema tem adquirido maior espaço de experimentação e discussão, uma vez que persiste como fonte de busca de prazer e (in)satisfação de desejos humanos, como será observado nos contos de Márcia Denser.

No primeiro conto, “Welcome to Diana”, a personagem se apresenta e tece sua trajetória enquanto caçadora, explicando o título da coletânea. Imersa na solidão e na sexualidade, que se instauram como fonte das transgressões e aventuras, configurando-se como uma escrita que busca romper com o tradicional papel da mulher na sociedade. O conto mostra uma personagem que coloca o prazer sexual como forma de aplacar uma solidão que cresce em seu interior, abordando a relação da personagem com dois homens: Silas e Fernando, embora a própria narradora não aprofunde a descrição dos personagens masculinos em nenhum dos contos, visto que o objetivo é colocar em cena a mulher Diana em meio a sua busca por satisfação, liberdade e sua(s) identidade(s).

“Welcome to Diana” introduz o nome da deusa e estabelece imediato diálogo com suas características, e na ânsia por configurar-se como dona do seu discurso a narradora estabelece em sua escrita um campo de caça: “confirmando minha crença de ficar sozinha. As chances são mínimas, suponho. [...] ou escreve ou lava fraldas.” (DENSER, 1986, p. 25). A presença do desejo libertário da deusa Ártemis pode ser observada nessa vontade de independência através da escrita. Também a sede pelo sexo e suas caçadas noturnas por homens em geral, dialogam com o espírito libertário da deusa grega-romana, e embora está tenha se mantido virgem e casta, fora sua escolha assim como é escolha da protagonista se perder em meio aos desejos sexuais insatisfeitos.

Os objetos de sua caça passam a ser escolhas de parceiros geralmente bens instruídos intelectualmente, como Silas que era “soterrado debaixo de tantos diplomas, certidões, teses, doutoramentos”. (p.16). Durante a inversão dos papéis, de caça a caçadora, nota-se que a própria personagem se autodeclara uma predadora, à espreita por alguém que sacie seus desejos, preencha seu vazio existencial, e, mais uma vez, pode-se referenciar à própria deusa Ártemis e sua sede pela caça. A força do seu desejo propuliona suas investidas, pois a protagonista sobrevive durante o dia, em sua rotina do trabalho, para viver, entregar-se, à noite de São Paulo, quando, então, ela se comporta como uma fera, assim como a deusa Ártemis diante de sua presa. Percebe-se que, por vezes, ela assume uma zoomorfização, em uma tentativa antiética, de se assemelhar negativamente a animais; e o aspecto que mais contribui para isso é a forma que ela descreve seu próprio comportamento diante de sua caça:

Já se encarregara de acionar a criatura estapafúrdia na qual invariavelmente me transformo, um cruzamento da cadelinha mimada a abanar histericamente o rabinho, com a predadora, a loba magra e esfaimada que, embora o estômago ronque e gema e se contorça, mantém o porte ameaçador, a dignidade de saber-se loba (o que é uma merda) (DENSER, 1986, p. 40-1).

Diante disto, a personagem transpõe a própria sexualidade, pois embora estabeleça seu espaço como caçadora, ela estende a si mesma como presa de sua caça, na mais difícil jornada que é a busca por se configurar no mundo, de se entender como sujeito contraditório e de identidades múltiplas. A liberdade oportunizada pelo arquétipo da deusa Ártemis é diálogo dessa progressiva vontade de se (auto)reconhecer. De tal forma estes pontos de referência com a deusa repercutem em seu processo de construção, que a personagem termina sempre em conflito com suas próprias convicções: “Sem grande convicção, muitas camadas de rímel, blush, pancake, batom e cinquenta minutos depois, está feito. A Diana de sempre. Só que mais parecia em cartaz de cinema que uma mulher ao vivo.” (DENSER, 1986, p. 50). Evidencia-se, aqui, que a mulher Diana independente se rende aos padrões de beleza, estabelecendo um conflito com sua(s) identidade(s), a que gostaria e a que usa de fato: “De mim, apenas uma frágil fachada de papelão, enquanto lá dentro, na penumbra, a louca visionária espreitava. Vou me foder, pensei, mas já estava impotente. Outras mãos embaralhavam as cartas e me selaram a sorte.” (p. 50-1).

O problema dessa contradição identitária relaciona a trajetória da personagem às características de deusa Ártemis, a deusa da liberdade. O contexto pós-moderno, que não proporciona estabilidade para que o sujeito centralize sua(s) identidade(s), acaba por possibilitar

que Diana assuma para si as características que lhe são convenientes, conforme problematiza suas angústias. Imersa nessa crise, ocasionada pela descentração das relações sociais e de valores, há um conflito que propicia na personagem o surgimento de identidades, consideradas por Hall (2011) como fragmentadas, contraditórias, às vezes, e em outras não resolvidas, mas não a existência de uma identidade fixa:

eu fico filosofando, me sentindo como uma espécie de lata de lixo da humanidade, de onde eu poderia sacar certas coisinhas que algumas dezenas de seres humanos odiariam se lembrar, mas isso não me consola por que e eu? Sim a tua auto-estima? E vossa alma eterna? Que fizestes dela, mulher? Hein, prostituta? Apodrecherà e arderá com todo o resto, provavelmente (DENSER, 1986, p. 34).

Ocorre uma urgência de se encontrar, de se entender diante de sua multiplicidade, que se soma ao vazio existencial e a transborda, conferindo-lhe o desejo da profunda experimentação. Essa urgência revela que, além do sexual, a angústia de existir a instiga a, cada noite que vaga pelas ruas da cidade em busca de prazer, reflexões relacionadas às suas próprias ações: “Inquisidores que julgam a mim, minhas misérias, minhas loucuras, esse crime inafiançável pago noite após noite, entorpecida e inconsciente, em apenas uma noite todo o mês de trabalho de qualquer um deles” (DENSER, 1986, p.50).

O drama da protagonista que comete “esse crime inafiançável” revela que a própria Diana sente-se culpada, e aqui a culpa pode ser dupla: a de estar transgredindo os valores, deitando-se com vários homens, portanto assumindo uma postura promíscua, termo que a sociedade ainda atribui às mulheres que tem uma vida sexual mais ativa, e/ou a culpa por viver uma constante busca de estabelecer sua identidade fragmentada: “porque infinitas noites nós *debicamosas*³ migalhas que a louca nos atira para aplacar a sua consciência, se tivesse alguma” (p. 54, grifo nosso). Verificase uma tentativa, por parte da personagem, de aplacar a culpa que se estabelece depois de suas transgressões. E ao afirmar não ter consciência (aplar a sua consciência, se tivesse alguma) reforça que a personagem está conscientemente plena de dúvidas diante de uma identidade multifacetada, dividida entre o arquétipo de Ártemis e a angústia da opressão que os valores sociais impõem à mulher.

Essa complexidade pós-moderna reflete-se nas relações amorosas da personagem, as quais são afetadas e perdem o ideal social de estabilidade: “Silas não fora o primeiro e nem seria o último. Afinal outros tinham passado em circunstâncias semelhantes”. (DENSER, 1986, p.33). E mesmo deparando-se com homens que aparentam ser adequados para se estabelecer laços duradouros, isto é, possuem as características que ela estabeleceu como referência de parceiro, como ser um intelectual, o espaço criado por Diana não permite que tais sentimentos floresçam, isto porque o prazer imediato lhe interessa mais que relacionamentos prologados:

Sei que um homem como Fernando não aparece muitas vezes na vida. São trinta e quatro anos de experiência no ramo. Estatisticamente falando, desde meu pai, quantos? Porra, no 58º parei de contar, deixando de lado, os tipos *hello good by*, os submersos – no álcool, no esquecimento – etc. E não estou me referindo a amores platônicos, meus caros, gosto daquilo que posso pegar e pego o que posso (DENSER, 1986, p. 41).

O arquétipo da deusa caçadora corrobora para essa distância emocional que caracteriza a mulher tipo Ártemis: “está tão concentrada em seus próprios objetivos e tão atenta que falha em notar os sentimentos dos que estão ao seu redor.” (BOLEN, 1990, p. 65). A ausência de sentimento, de presença substancial de carinho mútuo, de laços coerentes de afeto, ou seja, a dificuldade de estabelecer uma relação, ratifica a solidão crescente no interior da protagonista, e isto está presente, também, nos outros contos da coletânea, como em “O Animal dos Motéis”: “Sinto-os pulsar aqui dentro, cegos, surdos, solitariamente, me tocando até a loucura. Certo, o prazer também é meu,

3 Neologismo criado pela autora.

mas duplamente solitário, uma tarefa que cumprimos tão distraidamente, tão alheamente como um violino que se tocasse a si próprio.” (DENSER, 1986, p. 71).

De acordo com Bauman (2004), a fluidez das relações humanas, a rapidez com que se torna fácil iniciar e terminar, a atual fonte de relacionamento em rede, sendo que este se diferencia totalmente dos padrões estabelecidos no patriarcalismo que se constituía da típica “família perfeita”, consistente em pai e mãe heterossexuais e seus filhos, desestruturam a noção de mundo organizado e idealizado pelo sistema imposto socialmente. A presença dessa mulher, que se percebe deslocada, mostra que tais ideais começam a definhar, a perder seu sentido, uma vez que na contemporaneidade conceitos tradicionais coesos, como família e identidade, começam a ser separados dos laços densos do patriarcalismo, abrindo-se as possibilidades de uma ordem que não precisa ser seguida.

Além disso, observa-se o trecho em que a personagem afirma: “Estatisticamente falando, desde meu pai, quantos? Porra, no 58º parei de contar” (DENSER, 1986, p. 41), interessa a aparente sugestão da transgressão da personagem de um interdito que é o incesto. Do ponto de vista psicanalítico e social, pais e filhos, irmãos e irmãs não podem se unir, visto que a relação entre tais graus de parentesco é socialmente podada por regras, pois, conforme afirma Freud (2006), a sociedade é circunscrita pelo horror ao incesto, sendo proibido e represado, visto que, assim como o sexo, é um tabu social.

O psicanalista também afirma que os primeiros desejos sexuais da criança têm caráter incestuoso, chamados de complexo de Édipo, caracterizado pelo desejo do menino em possuir a mãe, que é reprimido na criança conforme ela cresce e que passa a ser parte do seu inconsciente. Tendo o mesmo princípio, o complexo de Electra, termo cunhado por Carl Jung (1913), chamado por Freud de Complexo de Édipo Feminino, é definido como o desejo da menina de possuir o pai, o que aparenta ser a transgressão de Diana.

Tais pontos reafirmam o arquétipo da deusa Ártemis em Diana personagem, visto que o desejo de se aventurar e explorar são características do mesmo. Tal desejo evoca na mulher Ártemis a experimentação, como dito anteriormente, levando-a a não se interessar em apegar-se a um, mas experimentar uma grande quantidade de homens. Desta forma, o conto de Márcia Denser constrói uma personagem feminina irreverente, que subverte o papel de caçador: quem antes era caça virou caçadora, e se perde nos labirintos da sexualidade exacerbada e da solidão existencial.

Nova Caçadora: Diana Escritora, *história privada de uma mulher pública*

Em 2005, dezenove anos após a coletânea *Diana Caçadora*, Denser publica “O quinto elemento”, na coletânea de contos *Tarja Preta*, organizada por Luiz Ruffato. Em três capítulos curtos, o conto apresenta, de forma um pouco menos fragmentada e mais objetiva, a trajetória de Diana. Uma nova narradora assume o controle da narrativa, se apresenta como autora de Diana Marini e enuncia que são parecidas: a Diana com a nova narradora. Se até então havia contornos da protagonista, como ser escritora, jornalista e redatora em uma agência de publicidade, com o da própria escritora Denser, no último conto há diversos fatos referentes à biografia da própria autora, e o mais explícito é o seguinte trecho: “não por acaso, quatro anos depois, meu primeiro livro se chamaria *Tango Fantasma*” (DENSER, 2005, p. 120), sendo este a primeira coletânea publicada por Márcia Denser em 1977.

Tendo em vista que o conceito de autobiografia é um tema muito delicado, carregando incertezas e ambiguidade, muitas vezes, pode-se confundir uma narrativa homodiegética, como é o caso da obra de Denser, com o próprio autor. Entretanto, Lejeune (1971) afirma a autobiografia como um gênero literário, cujo pacto autobiográfico seria a manifestação do engajamento pessoal do autor, por meio de uma construção textual ou paratextual, permite ao leitor admitir o texto como expressão de quem escreve e surge como um traço definidor desse gênero. Não afirmamos como autobiografia os contos de Denser, mas, como se verá nesta análise, existem alguns traços diretos e explícitos, alguns pactos autobiográficos, que estão presentes no conto.

O conto inicia-se com a explicação para o título: “na minha fenomenologia as anfetaminas são o quinto elemento.” (DENSER, 2005, p.115), sendo que este passa a agregar outros sentidos conforme, no decorrer do conto, é traçada a identificação da narradora com a Diana, explorando

sua crise existencial e a negação da(s) identidade(s) representada(s) nos contos anteriores. A partir desta negação, o conto descreve como essas identidades passaram a dialogar com a identidade que ela gostaria de ter, abordando, portanto, sua construção identitária.

A característica de caçadora de homens apresenta-se como um diálogo entre esta nova protagonista e Diana: “Aos vinte anos eu pensava que meu objetivo existencial seria ter poder sobre os homens” (DENSER, 2005, p. 118). O desejo sexual configura-se parte da narradora, mas, diferente de Diana, na coletânea de 1986, que agia por impulso e aproveitando as oportunidades, há uma tentativa de justificar seu comportamento e suas escolhas: “ainda não sabia, não havia encontrado (tampouco que estivesse procurando) um projeto de vida [...]. Tolamente me concentrava APENAS nos homens (ou seria ao contrário?)” (DENSER, 2005, p. 118, grifo da autora). Consiste, portanto, uma consciência sobre suas escolhas e o que elas significavam no construto identitário de sua personalidade.

Mesmo que o objetivo inicial tenha sido a caça aos homens, havia a dúvida sobre estar se objetificando. Além disso, o estilo da construção narrativa é o de quem narra uma história cujo fim já conhece, portanto há um tom analítico/reflexivo sobre si própria. Percebe-se que a trajetória de sua construção identitária constitui, primeiramente, uma descoberta de si enquanto sujeito capaz de se modificar, ciente de sua proximidade com as características da deusa Ártemis: capaz de agir e ser diferente dos padrões, deparando-se com identidades representadas em Diana caçadora de homens, e, em segundo, sua capacidade de escrita que se configuraria como um espaço para subversão e contestação que desejava: “meu lance era a literatura, era ser escritora, e isso *fazia sentido*, tudo ficava muito claro, claríssimo” (p. 121, grifos da autora). Se intensifica, não obstante, a relação entre Diana e a deusa Ártemis, ao apontar a liberdade, a capacidade de escolha e controle de suas ações, na simbologia da escrita da narradora.

O grande engodo é apresentado no segundo capítulo, no qual afirma que Diana Marine era ela, a própria narradora, ao mesmo tempo, revelando que existia um desejo de afastar a Diana que vivia nela, pois esta era “uma biografia” que “virou personagem de ficção e a face dominante da minha persona – agora pública, [...] ou seja, Diana Marini, um não-eu, um eu-também [...] uma hetaira de ar desprezadora, literalmente *la belle sans merci*” (DENSER, 2005, p. 122, grifos da autora).

Situadas as identidades de Diana Caçadora, como a mulher tipo deusa Ártemis, verifica-se que a personagem dos contos anteriores começa a fazer parte das identidades dessa nova narradora: “persona cuja lógica passou a dominar a realidade, *minha* realidade, e isto é um tanto desastroso para dizer o mínimo, pelo que Diana tem em comum com Ártemis, Astarte, Afrodite, Ishtar, aquelas deusas biscates, cruces, quase todas comiam criancinhas.” (DENSER, 2005, p. 122).

As características da deusa Ártemis são reiteradas de forma consciente pela narradora ao revelar-se Diana personagem. Simultaneamente, cria um espaço de negação dessa(s) identidade(s), justificando esse conflito quando afirma que, além das aventuras que não terminavam muito bem, era seu outro lado, o lado com sua identidade mais coesa, que suportava o resultado de tudo que Diana fazia: “Marini sempre agia contra si própria, mas sobrava para mim”. (DENSER, 2005, p. 129).

Em outro ponto da narrativa, há confirmação de que suas aventuras sexuais eram objetos de uma tentativa de evitar, de fato, um envolvimento afetivo mais profundo: “reiteradamente me envolvia com sujeitos que não eram o meu tipo, e envolver-se com pessoas que não são nosso tipo é funesto, porque se imagina justamente o contrário, que assim se estará a salvo das mãos do amor. Ledo engano.” (DENSER, 1986, p. 122). A protagonista-narradora mostra seu lado Diana durante a narração de uma de suas aventuras em que há uma mistura de narradores, na intenção de propiciar uma distância entre si e as identidades em negação, contando em terceira pessoa e, ao mesmo tempo, misturando com a primeira:

Porque Diana fazia de conta que desprezava Xavier, que reiteradamente fazia de conta que era rejeitado, e ambos alimentavam compulsivamente este mito circular e estúpido, este jogo sem vencedores, um cirquinho que eu desarmava facilmente, pois bastava aceitar, dizer sim, que me casaria com ele, que ele sumia (DENSER, 2005, p. 128).

Essa relação afetiva, apresentada através da tentativa de distanciamento, mostra que as identidades não conseguiam ser separadas conforme era o intuito da protagonista, pois o conflito a leva a outra busca que implicava afastar Diana na pretensão de construir uma identidade diferente da que lidava. E “encontrar uma identidade pode ser um meio de resolver um conflito e/ou satisfazer um desejo.” (WOODWARD, 2007, p.55-6), sendo este o grande objetivo da protagonista.

A liberdade usufruída pelo seu lado Ártemis ia ao encontro com sua racionalidade que afirmava uma identidade mais centrada, um pouco mais fixa, isto porque “a fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade.” (SILVA, 2000, p. 84). O que leva a personagem relatar como ocorreu a tentativa de se libertar de Diana, no terceiro capítulo. O sucesso financeiro, suas complexas buscas identitárias e a negação das identidades fizeram-na desejar uma desconstrução que culminou em um abandono econômico e existencial, experimentando o desemprego e o fracasso: “a desconstrução chegou ao auge com o saldo negativo no banco, nenhuma perspectiva de trabalho, nenhum biscate [...] Foi aí, Diana me abandonou aí, a cadela, a covarde.” (DENSER, 2005, p. 137). Esta crise faz parte do sujeito que se encontra imerso no contexto contemporâneo, que se permite portar várias identidades, as quais podem ser conflitantes em diversos momentos.

Essa nova situação possibilita um processo de aprendizagem em que a narradora faz uma reflexão em relação as suas ações e desejos. O fato de mudar de ângulo, antes se via de cima em uma posição alta e arrogante, agora enxerga a si própria debaixo, por um novo olhar, o olhar de alguém que vivenciou uma experiência diferente, mas necessária para compreender a si própria: “acontece que a vida não é lógica. Nem justa, nem perfeita, nem ideal. E isto é algo que só se entende sentindo na pele, desconstruindo Diana Marini”. (DENSER, 2005, p. 135).

A compreensão da construção identitária enquanto parte dela, um processo que a abrange por inteiro, impossível de ser estabelecido de forma única, possibilitam a admissão de que as identidades presentes em Diana, sua vontade de viver conforme seus desejos, é uma parte da narradora: “a vida não é perfeita porque precisa incluir a imperfeição, não é lógica porque precisa integrar o irracional, mas a vida tem que ser completa, inteira, vivida na íntegra” corroborando, assim, com seu eu mistificado pela deusa Ártemis: “Ela deve incluir a totalidade da experiência, do terror ao êxtase, nada lhe deve ser negado, nem o bem, nem o mal”. (DENSER, 2005, p. 138).

A experiência, as dualidades, os embates, a aceitação de Diana como parte de sua(s) identidade(s), que agora não se resumia mais ao objetivo de satisfazê-la, mas com a qual podia se reconhecer, fecha o conto de Márcia Denser, exprimindo, na trajetória dessa mulher libertária, o projeto que é a questão da identidade: “Diana Marini voltou a ser personagem de ficção, isto é, voltou para *dentro* com o rabo entre as pernas e reina soberana em meu panteão divino, ela é Senhora da Minha Alma, a Minha Senhora Alma (Mas-Fique-Onde-Está-Biscate!).” (DENSER, 2005, p. 139).

A percepção de sua multiplicidade dialoga com o título do conto, “Quinto Elemento”, o elemento chave, parte de sua heterogeneidade, as identidades possíveis que (re)significavam a si mesma: “é parte daquele quinto elemento, deslocado finalmente para o Grande Centro que palpitava entre a luz e a sombra”, ou seja, as identidades finalmente aceitas, que “Afim, [eu] o merecera, sobrevivera às consequências de sua busca. O meio do caminho entre nós e os deuses, ou o caminho do meio, o tao, *quien sabe?*” (p. 139, grifos da autora).

Há, portanto, um redimensionamento da trajetória da protagonista que, de certa forma, condiz com o novo contexto cultural pós-moderno. Diana encontra outro caminho e resolução: quem protagoniza o “Quinto Elemento” não é apenas uma nova narradora, mas ainda Diana Marini, a deusa possuidora da liberdade, da caça e da luz, com a diferença de estar consciente de sua fragmentada identidade e finalmente atestar um sentido existencial à sua trajetória, ao abandonar sua vida de caçadora de homens para uma nova descoberta: a literatura.

Considerações finais

No decorrer desta análise foi observado através dos contos de Márcia Denser, a representação do arquétipo da deusa Ártemis dialogando com a construção de uma nova mulher sujeito, mostrando as transgressões aos valores do sistema patriarcal falocêntrico e a busca por exercer sua própria liberdade.

A coletânea *Diana Caçadora*, cujo contexto de produção traz os conturbados anos 80, retrata essa necessidade de autodescoberta, visto que os contos reportam a situações vividas por uma personagem que se entrega ao sexo descartável e descompromissado, enquanto tem que lidar com essa liberdade diante dos estigmas sociais. Dialoga, portanto, com a afirmação de Maas: “Que a mulher não permaneça dominada pelo arquétipo de uma única deusa, nem seja obrigada a vivenciar todas, mas descubra seu próprio mito, construa sua própria história e privilegie sua escolha interior” (apud BOLEN, 1990, p. 8). Isto remete, inevitavelmente, às possibilidades de escolha diante dessa liberdade feminina de deusa Ártemis e aos conflitos identitários que surgem nessa mulher que anseia um enfrentamento consigo mesma.

Os temas emblemáticos do mundo contemporâneo, como a fluidez das relações afetivas, a formação de identidades híbridas e/ou fragmentadas e a busca e a necessidade da satisfação sexual caracterizam uma personagem feminina que rompe com os padrões patriarcalistas.

Com efeito, os contos da caçadora Diana, mistificada pela deusa Ártemis, mostram-na a deriva de seus conflitos internos e em sua busca obstinada por um entendimento do mundo que se abre à sua liberdade, resultando em uma necessidade de autoconhecimento e satisfação. A urgência e, ao mesmo tempo, o vazio existencial, evidenciam que a liberdade sexual e a independência financeira nem sempre traz a independência emocional às mulheres pós-modernas, mesmo que bem-sucedidas profissionalmente. Deste modo, Diana Marini e deusa Ártemis demonstram a ânsia do espírito independente feminino, representando a possibilidade de a mulher buscar seus próprios objetivos assumindo as consequências de sua própria escolha.

Referências

- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Tr. Antonio de Carlos Viana. – Porto Alegre: L&M, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher**: nova psicologia das mulheres. Tradução Maria Lydia Remédio - revisão Ivo Storniolo - São Paulo : Paulus, 1990.
- BRANDÃO, Isabel. Arquétipo femininos em *The Rainbow* e *Women in love*, de D. H Lawrence. In. FUNCK, Suzana Borneó, org. **Trocando ideias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: 1994.
- BRANDÃO, Junito de Sousa. **Mitologia grega**. V.1 Rio de Janeiro: Petrópolis, 1986.
- DENSER, Márcia. **Diana Caçadora**. São Paulo: Global, 1986.
- DENSER, Márcia. O Quinto Elemento. In: RUFFATO, Luiz (org.). **Tarja Preta**. Rio de Janeiro: 2005.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- JUNG, Carl G. The theory of psychoanalysis, **Psychoanalytic Review**, 1913: 1, 1-40
- HACQUARD, Georges. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio Tinto: 1996
- KAUSS, Vera Lucia T. A transgressão na construção da identidade feminina: Leitura de *Diana Caçadora*, de Márcia Denser. In: CUNHA, Helena Parente, org. **Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 99-108.
- LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**. 2. ed. Paris : Armand Colin, [1971]
- PARIS, Ginette. Meditações pagãs: **Os Mundos de Afrodite, Ártemis e Héstita** Tradução: Sonia Maria Caiuby Labate 1994. Petrópolis: Vozes Ltda

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em 22 de outubro de 2018.

Aceito em 25 de março de 2019.